

CAPA

BATINA



BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA
Av. Almirante Reis, nº 256 - 1º Esq. - 1000 Lisboa • Telef. 849 45 65 • Fax 840 86 64

NR7 - 2ª Série - Abril/96

EDITORIAL

Desafio

Tendo recebido, recentemente, a honra e a responsabilidade de integrar a Direcção da nossa Associação, fui simpaticamente incumbido de dirigir algumas palavras a todos os Colegas, sob a nobre forma de editorial.

Em face desta tarefa, ocorreu-me passar a escrito algumas ideias sobre aquilo que vem sendo encarado no seio da nossa Associação como um dos seus principais desafios, isto é, o seu rejuvenescimento.

Com efeito, o futuro da AAECL depende, em grande medida, da forma como soubermos trazer até nós as novas gerações de estudantes de Coimbra, entretanto saídas dos bancos da Universidade.

Este desafio comporta duas vertentes fundamentais:

1. Admissão de novos sócios;
2. Integração efectiva daqueles na vida e no espírito da AAECL.

Se no que se refere ao primeiro ponto temos vindo a dar passos que reputo de importantes, no que se refere ao segundo muito há ainda a fazer.

Em boa verdade, de pouco nos valerá a admissão de novos sócios se não promovermos, concomitantemente, as condições que permitam a sua efectiva participação.

Importa, pois, por um lado, encontrar formas de motivar e facilitar o contributo dos novos Colegas no âmbito das actuais actividades e, por outro, criar espaço para que outras iniciativas possam ser desenvolvidas, tendentes à mobilização dos mesmos.

Sem prejuízo das iniciativas que a Direcção tem vindo a tomar, fica aqui lançado o repto a todos os Colegas para que tragam as suas sugestões e ideias em reforço deste objectivo, cuja consecução só poderá ser atingida com o contributo e empenhamento de todos.

O aprofundamento das relações com as actuais gerações de estudantes é outro dos pilares importantes na prossecução daquele objectivo, na medida em que favorece, por um lado, o sempre saudável e desejável convívio entre actuais e antigos estudantes e, por outro, gera o necessário fluxo entre os dois estados do antes e do depois, do ser e ter sido

estudante de Coimbra.

Eis a primeira ilustração:



Jantar na Penta, em 1 de Março, com 28 jovens (de idade...)

A recente participação da Estudantina Universitária de Coimbra nas comemorações do 4º Aniversário da nossa Associação veio provar, mais uma vez, o quão próximos nos sentimos uns dos outros, independentemente das idades e das valências de formação de cada um. Se não, veja-se esta foto:



A Estudantina, cantando os "Parabéns à Associação"

É este capital de fácil convívio e comunhão fraterna que temos de saber aproveitar, no respeito escrupuloso pelas saudáveis diferenças que só nos enriquecem.

Este desafio não é exclusivo da Direcção nem de alguém em particular; é, antes de tudo, o desafio àqueles que têm Coimbra no coração e na alma, numa palavra, é o desafio de todos nós.

Por isso termino, na linguagem que bem conhecemos: "VAMOS A ISTO!"

António Ribeiro

VERGÍLIO FERREIRA

Vergílio Ferreira deixou-nos no passado dia 1 de Março.

O seu falecimento, súbito e inesperado, foi objecto de noticiários e programas especiais na Rádio e na TV e de grande destaque na Imprensa. Nada de mais justo, visto tratar-se de uma das maiores figuras das Letras e da Cultura portuguesas de todos os tempos.

Cursou a Faculdade de Letras da nossa Universidade de 1936 a 1940, licenciando-se em Filosofia Clássica e tendo sido doutorado *honoris causa* em cerimónia realizada em 24 de Outubro de 1993. Acompanhou sempre com interesse a vida da nossa Associação, tendo sido homenageado na "Tomada da Bastilha" de 1992. Sobre este acontecimento escreveu uma pequena crónica na sua "Conta Corrente IV - Nova Série (que publicamos a seguir).

Foi activo componente da Tuna Académica, onde tocou viola, violino ("rabeça" lhe chamava ele) e guitarra, tendo sido 2º Guitarra do Jardim, um dos melhores guitarristas do seu tempo de Coimbra.

A convite da Direcção da nossa Associação, deveria ter assistido ao Concerto no Tivoli, de homenagem a Mário Soares, no passado dia 29 de Fevereiro, promovido pelos antigos orfeonistas e pelos antigos Tunos. Foi com entusiasmo que recebeu o convite, que lhe entreguei pessoalmente, pois desejava ver a "sua Tuna", de que lhe chegaram boas notícias, e acertou comigo passar por casa dele para o transportar. Porém, às 20 horas telefonou-me, lamentando já não poder ir, pois acabara de receber a notícia da morte do Irmão. No dia seguinte, deveríamos ter-nos encontrado ao almoço, mas já não voltámos a ver-nos, pois não pude ir ao Restaurante.

Ao regressar a casa sentiu-se indisposto, mas não deixou a Regina chamar o Médico, pois, dizia, já passava! Foi para o escritório repousar e aí, no meio dos livros que lhe eram tão queridos, a sua alma partiu para o Olimpo...

Fica a enorme saudade do Amigo e do Mestre nas últimas palavras que escreveu, poucas horas antes, ao deixar-me o livro do seu doutoramento *honoris causa*:

Doutoramento Honoris Causa de Gladstone Chaves de Melo e Vergílio Ferreira

Universidade de Coimbra, 24 de Outubro de 1993

Para
Bénabar
e
Tito,
este Du Memoriam
de minha vida ao capelo
- e à família.
Com um abraço amigo.
Vergílio Ferreira

29-Set-96

Deste livro aqui deixamos as palavras finais da sua Alocução na cerimónia do doutoramento, a que tive a grande honra e alegria de assistir como seu convidado:

"O saber é coisa terrível se não aproveita ao que sabe - dizem ainda Sófocles no "Rei Édipo". Ou que de um homem se não pode saber se foi bom ou mau, antes de a morte nos dar por findo o seu destino, como se diz também nas "Traquínias". Assim o arauto do "Agamémnon" nos sublinha que é infinito o preço da nossa última hora - como o cristão veio a saber.

Mas desse mesmo arauto ouço também a recomendação de nos não prendermos ao que passou. E essa é uma palavra que dubiamente posso entender mas de modo algum compreender. É dúbio entendê-la porque o passado do laudator temporis acti é ilusório e assim verdadeiramente nunca existiu. O passado a que pudéssemos voltar com uma "máquina do tempo" seria a decepção do presente que foi e o imaginário nos transfigurou. Ora é esse imaginário que me perdura da Coimbra que foi minha. Mas não tendo existido, configura o grande mito que me existe da minha juventude. Entremeadado assim ou insinuado assim à distinção que a minha Universidade magnanimamente me quis conferir, é esse mito que se me desdobra como diadema do mais. O passado que se evoca nunca existiu para ninguém. Mas só o que não existe é que é bastante para o excesso do homem. Assim o real da minha juventude é o transreal do seu encantamento e da eternidade que lá mora, como nos meus livros o pude registar. Duplamente grato eu me sinto, pois, nesta hora - pela mais honrosa homenagem que a minha Universidade se podia dignar prestar-me, e por ela se inscrever no melhor do meu imaginário de outrora. De Coimbra disse eu um dia que só o ressoar do seu nome tem já um timbre de guitarra. Consinta-se-me a ousadia, que espero se não julgue irreverência, de a este solene cerimonial e à evocação do meu passado eu os envolva a ambos no doce enlevo de uma balada..."

Tito Costa Santos



A Sharp Viewcam VL-E31U, é um teste limitado em Portugal, onde se procura sondar a sua aceitação no mercado nacional, e cujo lançamento no mercado europeu será apenas no ano 2001.

Esta câmara possui as maiores maravilhas da tecnologia, tais como:

- Visor incorporado de 4" LCD a cores.
 - Possibilidade de filmagem do próprio operador.
 - Fax audio/vídeo e impressora de fotos e ampliações de alta qualidade de imagens escolhidas na câmara.
 - Receptor de T.V. (adaptador para receber 69 canais directamente na câmara, como se fosse uma T.V. normal).
 - Estojo de filmagens sub-aquáticas, para fazer filmagens debaixo de água.
- Preço: 250.000\$00 e/ facilidade de pagamento para os sócios da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, com inscrição em vigor ou que se inscrevam no prazo de 15 dias.

"Lurisoni, Lda." - Telefone: 483 21 25
CONTACTE-NOS

“TOMADA DA BASTILHA”

(Casino do Estoril - 2 de Dezembro de 1995)

Em 2 de Dezembro de 1995, mais uma vez no Casino do Estoril, realizou-se a já tradicional comemoração da “Tomada da Bastilha”, ponto de encontro dos Antigos Estudantes de Coimbra, este ano em boa hora em versão alargada, pois, a convite da nossa Associação, estiveram pela primeira vez presentes representantes de todas as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra existentes.

Outro acontecimento inédito a abrilhantar esta comemoração foi a Exposição das Pastas Antigas de Luxo, em colaboração com o Teixeira Santos, director do Museu Académico de Coimbra.

Tivemos a ventura de apreciar cerca de 70, qual delas a mais bonita e valiosa, devidamente identificadas num catálogo orientador. Eis uma pequena parte:



Exposição das Pastas Antigas de Luxo, no hall do Casino

Pelas 20 horas, começaram a afluir centenas de Antigos Estudantes vindos de todos os cantos do País, muitos deles ostentando as suas fitas e as suas capas.

O habitual “cocktail de boas vindas” foi o pretexto para os sempre festejados e, por vezes, emocionantes reencontros, alguns deles aguardados desde os radiosos tempos da nossa juventude em Coimbra. São momentos de emoção que, no dizer de um Colega amigo, só por si valem a comemoração.

Às 20h30, começou a entrada para o Jantar que, lembrando os nossos tempos da tropa, diríamos que foi “bom, não muito abundante e bem confeccionado”.

Vieram as fotografias da praxe, para mais tarde recordar, enquanto se foi ouvindo música ambiente muito agradável.

Seguiu-se o Show do Casino, de novo “Os Heróis e o Mar” que, apesar de já ter sido visto no ano anterior, voltou a agradar em cheio e a receber fartos aplausos.

Veio um intervalo de cerca de 30 minutos, para dançar e satisfazer outras necessidades...

Enfim, começou o “Show Nosso”, anunciado num inédito e alusivo Programa da autoria do nosso arquitecto Fernando Paula.

E – embora estivesse programada a apresentação pelo João Maria Tudela, que nos “largou da mão” dois dias antes para acompanhar Mário Soares a Faro – o Mário Pinto, apanhado à última hora, preencheu a falha com a sua proverbial boa disposição, contando histórias do nosso (sim, também foi o meu!) tempo de Coimbra e fazendo imitações.

O Côro dos Antigos Orfeonistas do Orfeon Académico de Coimbra, sob a regência do Maestro Augusto Mesquita, iniciou o “Show Nosso”, encantando os presentes e deliciando os velhos Orfeonistas presentes na assistência, orgulhosos do alto nível artístico do desempenho dos seus Colegas. Aquele naipe dos 1^{os} Tenores deve ser o mais famoso de todos os tempos, com solistas absolutamente excepcionais! O final, com o “Amen” cantado em côro com todos os antigos orfeonistas no palco, enchendo-o literalmente, foi de autêntica apoteose!!!

Bem-vindos, queridos Colegas, que com as vossas “cantigas”, as actuais e as “nossas”, nos enchem os corações de felicidade, a alma de orgulho e os olhos de lágrimas.

Seguiu-se a peça “Que Grande Pastilha”, da autoria do Gustavo Cerdeira, interpretada pelos colegas João Alpoim, Fernando Paula, Gustavo Cerdeira, José Henrique Dias e Tito Costa Santos. Foram alguns momentos de boa disposição e de irreverência académica, em que a Política não foi poupada (com a irreverência que nos caracteriza...).

O momento mais solene e emotivo chegou com a evocação e a homenagem ao nosso sempre lembrado Albano Martins da Costa, uma saudade constante em todos nós.

Falou o mais indicado para o fazer, dada a grande amizade que os unia desde a juventude: o Ângelo Vieira Araújo.

E como o fez!!! Com emoção à flor da pele e sensibilidade nas palavras, o Ângelo pôs em prosa toda a poesia que lhe vai na alma e arrebatou os nossos corações, como segue:

“Amigos, Senhoras, Senhores

As breves palavras que vou proferir, hoje aqui, não terão o brilho nem a adequada dimensão que eu tanto gostaria de saber dar-lhes, de modo a conseguir transmitir-vos tudo aquilo que eu sinto neste momento. Mas concerteza advinhareis nelas toda a minha adoração, todo o meu respeito pelo enorme calor humano que irradiava sempre do nosso saudoso Companheiro Albano Martins da Costa.

Sim, do Albano! É do humaníssimo Albano que se trata.

O Amigo de todos, sempre presente em tudo que trocasse, mesmo que ao de leve, a tecla da camaradagem de raiz Coimbrã, de entre-ajuda na Amizade e na confiança, com uma ligação permanente à sua e nossa “Alma Mater” - o que fazia dele a imagem viva das nossas tradições académicas no que delas há de mais nobre e mais significativo.

Não penso que valha a pena dizer que nasceu a tantos de tal, em tal parte, que se licenciou na data Xis e trabalhou a vida inteira, sempre com um sorriso nos lábios, mesmos nas horas más - que as teve.

O que é importante, quanto a mim, é dizer o Homem que o Albano foi, mesmo apesar de todos ou quasi todos, aqui presentes, o saberem tão bem como eu.

Homem de carácter, com capacidade intelectual superior, em permanente “estado de espírito académico”, capaz de sonhar sem perder a noção da realidade; espírito de artista que sentiu e viveu a Arte, tendo sido no TEUC um

intérprete inesquecível e brilhante de algumas das mais difíceis personagens criadas pelo génio de Gil Vicente.

Um homem que constituiu uma Família exemplar – e daqui saúdo com muita amizade e muito respeito aquela que foi a sua companheira de todas as horas, e o seu filho que tanto amava e de que tanto se orgulhava.

Um homem assim merecia que alguém mais competente que eu viesse hoje aqui para enaltecer a personalidade tão rica e multifacetada como foi a do Albano.

Conhecemo-nos no Porto no ano de 1936 à entrada da Faculdade de Ciências. Devo dizer – e tenho uma fotografia que o comprova – que o Albano de então não era ainda o Albano Careca. Nesse ano fomos companheiros na Tuna e Orfeon Universitários do Porto. Mais tarde, já em Coimbra, encontrámo-nos novamente, mas então ele era já aquele que todos lembramos e que toda a Academia carinhosamente chamava o Albano Careca.

Depois, foi toda uma vida em que a componente Coimbrã da sua formação marcou praticamente cada passo, sendo de realçar a sua acção decisiva na criação e nas actividades da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Luanda e posteriormente, cá no Continente, o enorme contributo e total devoção no desempenho dos mais altos cargos dos Corpos Directivos da nossa Associação.

Reparem que apenas me estou a limitar a um simples afloramento de algumas facetas da personalidade do nosso Albano que – espero – um dia serão analisadas com mais profundidade.

Mas há limitações programáticas que não permitem, neste momento e aqui, ir mais além.

Só duas palavras mais. É certo que ele nunca esteve sózinho. Mas hoje é só dele que estamos a tratar.

Estou firmemente convencido que o Albano se estará, neste momento, a sorrir cá para baixo, ouvindo com benevolência este nosso singelo obrigado pelo exemplo que a sua vida de eterno Estudante de Coimbra constitui para nós.

O Albano continua nos nossos corações e na nossa saudade!

Ângelo Vieira de Araújo”

E a careca do Albano ficou perpetuada neste lindo poema do Francisco de Vasconcelos (e que constou do referido Programa):

Para o Albano

A careca do Albano? Eu conheci-a:

Era branca, brilhante, luzidía...

Um dia, já cansado

da Académico Fado,

*juntou-se a mais três ou quatro
para fundar o Teatro.*

Foi caravela que, através dos mares,

acompanhou Coimbra e a Saudade

a Moçambique, Angola, e a outros lugares,

num Abraço de Amor e Mocidade...

Mais tarde, regressou.

E como asa que, até cansada, voa,

foi o seu entusiasmo que ajudou

a que Coimbra viesse até Lisboa.

E esta Associação,

a que nós pertencemos,

é hoje, em grande parte, o coração

do Albano que todos conhecemos...

*Desculpa-me esta pobre inspiração
mas procurei fugir ao cantochão...*

Pois onde estás, se te conheço bem,

por certo já fundaste uma Associação

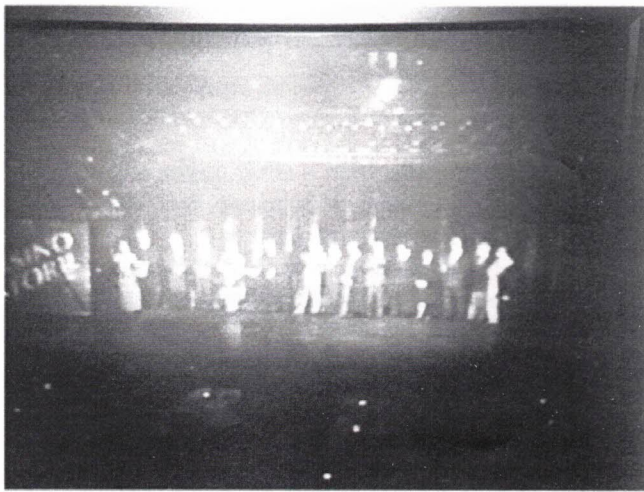
de Antigos Estudantes... no Além!...

A Maria Antónia Dionísio foi então cumprimentar a Maria Fernanda, viúva do Albano, oferecendo-lhe um lindo ramo de flores e um presente simbólico.

Depois, foi a entrega do Prémio Conselheiro Furtado das Santos, no valor de 100.000\$00, ao melhor aluno que terminou o Curso da Faculdade de Ciências e Tecnologia, o estudante Miguel Ramalho de Sousa Santos, tendo o Prémio sido recebido pela Presidente da Associação Académica de Coimbra, Zita Henriques, por impossibilidade de o laureado estar presente.

Subiram, depois, ao palco os Presidentes das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra em Braga, Porto, Coimbra, Lisboa, Funchal e Ilha Terceira.

Viveu-se, então, o momento mais significativo deste encontro (que se espera tenha sequência em anos vindouros), aqui registado:



Encontro de todas as Associações, com o Magnífico Reitor (veja-se com imaginação)

Falou a Presidente da Direcção, Fátima Lencastre, e, pela importância das suas palavras, aqui fica a sua transcrição integral (que deu um trabalho captar da gravação em cassette...):

“ Colegas de Aquém e d’Além - mar:

Em nome da Associação anfitriã, bem vindos a esta comemoração da Tomada da Bastilha e bem - hajam pela resposta tão em força ao nosso apelo no sentido de reunirmos, pela primeira vez, todas as Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra. Isso revela claramente que todos ansiávamos por um pretexto e por uma oportunidade.

Que o digam os Colegas da Madeira no seu delicioso auto-convite, quando hesitaram em trazer hoje aqui ao

nosso show um pequeno apontamento e remeter para o próximo ano um grande!

Não é, na verdade, uma belíssima mensagem de adesão incondicional e espontânea?

Que o digam também os Colegas dos Açores e do Algarve, que foram tão pressurosos e tão entusiastas na constituição das suas Associações para estarem aqui também presentes, de pleno direito.

E é assim que, todos de mãos dadas, esperamos contar para os anos vindouros com o generoso acolhimento do Casino Estoril e da sua Administração, a quem agradecemos na pessoa do seu ilustre Administrador, Dr. Mário Assis Ferreira, dedicando-lhe aquela dose de boa disposição que foi devida ao delicioso champanhe que nos ofereceu.

Seria ingratidão não estendermos o nosso reconhecimento ao Colega e amigo Dr. Joaquim Couto, Director Comercial do Casino, mais uma vez incedível no empenho que devotou à realização e à preparação desta festa para "a sua gente", como ele diz muitas vezes, e, acima de tudo, à concretização do sonho do nosso querido Albano, recém-homenageado: a Exposição das Pastas Antigas de Luxo!

Trata-se, como viram, de uma exposição inédita e preciosíssima, que só foi possível realizar com o mérito e extrema devoção do Teixeira Santos, Director do Museu Académico de Coimbra, que trata cada pasta com o carinho de um bebé recém-nascido e a quem agradecemos também e dedicamos todo o nosso apreço nesta hora pela sua obra.

A todos estes nossos amigos, aos Antigos Orfeonistas - que de antigos nada têm, pois as suas vozes continuam jovens no virtuosismo e na magnificiência das suas interpretações - para todos eles eu peço para já um vibrante aplauso.

Não há dúvida que momentos como este, em que o Ângelo Araújo trouxe até nós o Albano, em que todos entoámos o hino da Alegria em uníssono; momentos como este não consentem discursos. Aliás, ninguém se atreveria a substituir o nosso querido Amigo, Colega e Presidente da Mesa da Assembleia Geral da nossa Associação, Almeida Santos, cuja ausência ele próprio lamentou tanto quanto nós ao comunicar-nos a sua deslocação a Faro, para assistir, na qualidade de Presidente da Assembleia da República, a uma homenagem aí prestada hoje mesmo a sua Excelência o Presidente da República.

Homenagem essa, dizemo-lo com pena, que também privou do nosso convívio alguns dos habituais Colegas.

Claro que para contratempos desta natureza só antevejo uma solução: se Coimbra já deu ao País os três últimos Presidentes da Assembleia da República, será altura de gerar o futuro Presidente da República para o podermos ter connosco, como primeiríssima figura, nestas manifestações puramente académicas dos Antigos Estudantes de Coimbra.

E que lei nenhuma, por mais transparente que seja, incompatibilize o exercício destes altos cargos com os não menos honrosos cargos dos Órgãos Sociais de todas as nossas Associações!

Bem! voltemos ao dito discurso.

Mas não temam, porque, na verdade, apenas me permito emprestar às palavras o sentir de cada um de nós neste momento, ao comungar o espírito coimbrão na repetição do emblemático grito "a Universidade para os Estudantes e

por eles " que um grupo de destemidos alunos lançou em 1920, dando corpo à chamada Tomada da Bastilha Académica.

Dizem que esse grito heróico galgou gerações, a consolidar aqueles laços cimentados nas recordações eivadas de sonhos, de ilusões, de eflúvios amorosos - quem os não teve - que todos conservamos da fugaz passagem por Coimbra e que nem os pobres lentes de então lograram fugir a tal sortilégio.

Mas a heroicidade do Antigo Estudante de Coimbra, nos tempos de hoje, reveste uma configuração de contornos não menos valorosos: ele tem sabido suplantar todas as diferenças de idades, de credos religiosos e políticos, de posturas perante a vida e até de filiações partidárias, pairando sobre todas essas diferenças - com respeito mútuo, sem dúvida - mas com a firme determinação de preservar a família coimbrã envolta sempre e só numa infinita Capa preta.

Capa essa que, incondicionalmente, substitui quaisquer vestes, por muito públicas que elas sejam, de que o antigo estudante e o novo ou jovem estudante se despojam ao associar-se.

É certo que mudam os tempos, mas estas vontades permanecem inalteráveis tanto no antigo como no jovem.

E aqui está o antigo, qual peregrino de alma saudosa; e o jovem, qual professo de uma fé na perpetuação do ideal de solidariedade que a todos une; solidariedade essa que é tão cara hoje: não é que a governação actual lhe deu a primazia de um Ministério?

Mas, para fomentar essa solidariedade entre o jovem estudante e as Associações que o irão acolher num futuro próximo, onde quer que ele se radique, a seguir a nossa Colega Zita Henriques, Presidente da Associação Académica, vai lançar um apelo, que espero tenha eco em todos os corações.

E, depois, vou pedir ao Chichorro Rodrigues, que é o Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral da nossa Associação, que, em substituição do Almeida Santos, vá entregar ao nosso Magnífico Reitor uma petição, lavrado em latim macarrónico, mas subscrita por todos os representantes dos antigos e dos jovens estudantes, para que, ainda na sua veste - a mais alta e digna veste académica, de que não se despojará por nossa vontade tão cedo - lance a primeira pedra de uma estátua ao Estudante de Coimbra, consagrando Coimbra como a Pátria do Estudante e servindo de ponto de encontro para cada um de nós se rever nela e todos nós nos reencontrarmos.

Colegas: o único intuito da nossa Associação é que conservem desta noite uma memória tão viva que, em 23 de Novembro de 1996, sigam o exemplo da Madeira: auto-convidem-se a estar connosco mais em força ainda! Até lá, de todo o coração, as mais vivas Saudações Académicas!!!"

Usou ainda da palavra a Presidente da Associação Académica de Coimbra, que lançou aos Presidentes das Associações dos Antigos Estudantes o apelo no sentido de ajudarem a Direcção-Geral da Associação Académica a protagonizar um grande Encontro entre as várias gerações de Estudantes.

A seguir, o Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra na Madeira ofereceu à nossa

Associação o *Gão d'Ouro*, óscar que instituíram no 1º de Dezembro de 1994, para atribuir como prémio às individualidades e entidades que se distinguiram na área da cultura e do recreio.

Em substituição do Colega Almeida Santos, o Francisco Chichorro leu uma Petição, em "latim macarrónico", dirigida ao Magnífico Reitor da nossa Universidade, Professor Doutor Rui Alarcão, solicitando a construção, em Coimbra, de um monumento ao Estudante.

O Magnífico Reitor enriqueceu este momento, de tão grande simbolismo, com uma intervenção, que não poderia deixar de ser magnífica, de que respigámos as seguintes passagens (também da mesma gravação):

" Meus amigos:

Esta Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa sabe fazer as coisas, porque tinha-me chegado um vago eco de que havia uma surpresa. Mas, apesar das minhas diligências para saber qual era essa surpresa, só a soube agora! Portanto, houve aqui um magnífico complôt ou então as minhas fontes de informação realmente estão mal organizadas.

Uma petição destas, ainda por cima em latim!... Já agora, o meu próprio nome podia ser em latim!

Vou-vos contar uma pequena história real:

Quando eu, há muitos anos, tomei posse pela primeira vez como Reitor, passei evidentemente a assinar as cartas de curso em latim. As primeiras ainda não foram em latim, porque houve realmente uma ideia muito infeliz de retirar o latim das cartas de curso; mas felizmente isso foi sol de pouca dura e voltou o latim às cartas de curso. Como sabem, não há o meu nome "Rui" em latim! Então, os 2 maiores especialistas de latim "não macarrónico" da Universidade de Coimbra, a Professora Maria Helena da Rocha Pereira e o Professor Américo Ramalho, disseram-me: "só há uma coisa a fazer, é pôr o nome que em latim é o mais próximo do seu, que é Rodrigo - "Rodricus".

Não havendo voltas a dar, passei a assinar uma média de 1600 cartas por ano e ainda por cima em duplicado.

Até que um dia notei que um estudante que acabava de se diplomar chamado Rui, tinha entre parêntesis "Rui", a seguir a "Ego Rodricus"! E eu disse para comigo: isto é o cúmulo, eu tenho a maior consideração pelos estudantes, mas eu não o sou, nem fico abaixo dos estudantes; e exige realmente que a seguir ao meu nome "Rodricus" aparecesse Rui nas cartas de curso!!!

Ora bem, podiam ter posto Rodricus e entre parêntesis "Rui" nesta vossa Petitionem!!!

Bom, eu acho esta ideia do monumento ao estudante excelente, mas, apesar de brilhante, julgo que no centenário da Associação Académica, há 8 anos, já existiu da parte dos Antigos Estudantes e da Associação Académica; chegaram a fazer-se estudos e a discutir-se onde é que devia ser implantado o monumento.

Mas a verdade é que isto não desmerece em nada esta iniciativa, porque não sei por que razões essa ideia não foi àvante. E é preciso que vá e deve ficar justamente no polo por excelência da Universidade de Coimbra, o Polo 1, que vai ser profundamente modificado.

Prometo o meu empenhamento juntamente com as Associações dos Antigos Estudantes e com a Associação

Académica. E, já, agora deixem-me dizer que em Coimbra esta distinção entre actuais e antigos estudantes é um bocado evanescente: todos o somos!!!

A vertente dos Antigos Estudantes é uma das características fundamentais na nossa Universidade, que é a única que tem a dimensão das gerações, no sentido vertical.

Hoje estamos a assistir a uma manifestação da ligação entre aqueles que são hoje estudantes e os que foram ontem estudantes da Universidade de Coimbra.

Eu estou a olhar aqui para a nossa Presidente da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Fátima Lencastre, e para a Zita Henriques, Presidente da Associação Académica, e para mim próprio que sou um eterno estudante!

Devemos ter, então, esse monumento; se não garanto o resultado, porque isso me ultrapassa, garanto o meu empenhamento para que desta vez realmente se consiga levar a cabo esta ideia: será mais um elemento a unir-nos e uma pedra que fica a marcar a nossa Universidade.

Obrigado! "

O Grupo Serenata de Coimbra imortalizou este momento, cantando esta linda Balada do Antigo Estudante, composta expressamente para este momento, com poesia do Francisco de Vasconcelos e música do Barros Ferreira, acompanhada em câoro por toda a assistência:

HINO A COIMBRA

**Coimbra, moça e menina,
Tem este raro condão
De se fazer pequenina
P'ra caber num coração.**

**E ao mesmo tempo é tão grande,
Ao lançar suas sementes,
Numa scara que abrange
Outros mares e outras gentes.**

**Com as saudades crescendo
Entre o partir e o voltar,
Coimbra ficou vivendo
Nas margens todas do mar.**

**A saudade não se esconde
Do coração de ninguém:
Uns de perto, outros de longe,
Somos Coimbra que vem.**

No final, a consagrada Serenata, em que ouvimos: Francisco de Vasconcelos e Serrano Baptista (guitarras), João Gomes e Manuel Pera (violas), António Ribeiro, Nuno de Carvalho, Barros Ferreira, Tito Costa Santos, José Henriques Dias, Alcindo Costa e Ângelo Araújo (cantores).

Já a madrugada ia alta quando terminou este Encontro de Amigos, em que, pela primeira vez e em boa hora, se reuniram Antigos Estudantes, representados pelas suas Associações, vindos de todo o País (Continente e Ilhas!).

Cá os esperamos na próxima Tomada da Bastilha!!!

Tito Costa Santos

A “TOMADA DA BASTILHA” DE 1992

Vista por VERGÍLIO FERREIRA

(Conta Corrente IV - Nova Série - págs. 225 a 227)

“ 22 - Novembro (domingo). Ontem lá fomos ao Casino do Estoril com o Tito e Bárbara, sua mulher, cumprir a amável maratona de umas oito horas de evocação coimbrã. É muito para uma velhice alquebrada. Mas a alegria do convívio compensou da estafa. Havia a gentileza da « homenagem » e isso era bastante para aguentar. Houve antes de mais uma quantidade razoável de cumprimentos de « admiradores » e sobretudo de antigos alunos dos quatro cantos do país - Faro, Bragança, Lisboa. Houve mesmo dois bons « velhotes » a quem dei lições de latim e literatura - à borla, disseram - quando eu era aluno do estágio em Coimbra. Aliás, aqui há tempos, fui interpelado por um velhinho corcunda, com colar de cabelos brancos à volta da careca, que me apontava um dedinho trémulo de baixo para cima a dizer-me fui seu aluno em Faro. Em face daquela decrepitude, tive a minha dúvida metódica. Mas ele tirou-me as ilusões e repetiu - fui seu aluno. E só tive que resignar-me.

O grande salão estava à cunha. Sinal de que o tempo de Coimbra, que era o que nos levava ali, tinha uma força maior que tudo o mais na vida, incluída a política, essa ordinária. Houve em primeiro lugar o banquete, com uma orquestra, mas que com a barulheira geral ninguém ouvia. E depois houve uma agressiva orquestra de rock com uma aberta mais suave para se dançar. A Regina agitava-se na cadeira, com a excitação dançarina. Se quiseres dar uma volta apenas, ainda avanço. Não quis. Queria todo o forrobodó. Arranja um par, disse-lhe. Ficou a olhar com o pecado da inveja o rodopiar dos outros. Aquilo como era dança, era uma massagem colectiva. A meu lado estava uma antiga aluna da Regina em Évora, a Claudina, viúva desde a juventude por desastre mortal de viação do marido e criou sozinha dois filhos, um dos quais, a filha, se casara há dois meses. E eu expliquei-lhe que eu gostava de dançar, mas na juventude, quando se não dançava à borla. E houve depois, creio que depois, a exibição da « Estudantina », um grupo azougado de rapazes de Coimbra que eu já vira em Sevilha. Como era de prever, a política, essa depravada, entrou em cena com uma anedota dos ditos « irreverentes ». Era a propósito ainda dessa coisa tremendamente equívoca que é o aumento das propinas. E o equívoco é que esse aumento diz respeito aos filhos do capital. Mas como tudo vale a pena, se for contra o governo, o próprio PC está ao lado do capitalismo. Mas a anedota tinha piada. Era o caso que uma prostituta ganhava por mês não sei que batelada de massas. E tinha um chulo que não fazia nada. De modo que os rendimentos deles eram zero. Assim um filho, entrado na Universidade, não tinha rendimentos e beneficiava de isenção de propinas. Conclusão do narrador: que grande filho da puta. A propósito lembro eu que estava ali fundamentalmente para apanhar uma barrigada de fados de Coimbra. Mas esta do filho da puta que não pagava propinas recorda-me o que li (hoje?) sobre o destino desse fado. É que houve uma outra sessão já não sei onde, de fados e guitarradas, e um director de consciência, a

propósito da canção de protesto que vindimara o fado consuetudinário e reaccionário, aconselhara a continuar-se a proeza, cantando-se o protesto contra o pagamento das ditas propinas em vez dos « passarinhos da ribeira ». Extraordinária curteza de vistas. Eu não prezo especialmente o « passarinho ». Mas sei que ele se cantará ainda, quando já nem se fizer ideia dessa coisa accidental e esquisita de os ricos não pagarem um pouco do muito que todos nós pagamos para esses filhos-família terem o canudo de doutores.

Depois, creio que depois, houve a minha « homenagem ». O Proença de Carvalho, excelente tocador de viola baixo na orquestra, referiu que eu tinha sido primeiro violino da Tuna e tinha guitarrado o meu tanto. O Tito dissera-me que eu não podia palrar para além de três minutos. Era curto. E não dizer nada era talvez malcriado. De modo que arenguei um agradecimento sumário, lembrando que a Coimbra que ali comovidamente evocámos tinha várias formas de razões para se evocar. Para uns teria a forma de uma bola de futebol, lembrando, sem o dizer, que os furiosos da bola levavam meia semana a discutir o jogo da Académica anterior, e a outra meia a especular o desafio seguinte. Para outros teria a forma de uma sebenta, naturalmente para os « ursos ». Quanto a mim coube-me uma Coimbra em feitiço de uma guitarra ou violino. Faltou-me dizer que um dos meus graves complexos fora o de não poder cantar o fado. E isto porque em matéria de qualidade, a minha voz não excedia muito a de um batráquio. Mas que estávamos todos ali porque para todos nós Coimbra era não uma « saudade », que é um termo que não funciona muito no meu vocabulário, mas uma fascinação de um passado imóvel que se fixou na nossa memória absoluta. Faltou-me anotar que o nome de Coimbra, como já tenho repetido, tem já em si um timbre de guitarra. E pronto. Deu-se um prémio ao aluno (que era uma aluna de Farmácia) que mais se distinguiu no ano transacto. Havia uma jovem fotógrafa que nos ia fotografando a todos. Cumpri. O Baptista Martins, meu companheiro em latinidade e na Tuna, apeteceu uma de só nós os dois. Lá fomos estampados. Cada foto, aliás bonita com um enquadramento de enfeite, custava mil dele. Baptista Martins pagou a minha. Não fiz cerimónia. E pronto. Houve depois o essencial da festa, por isso mesmo reservado para o fim, ou sejam as baladas, fados e guitarradas. Gostei, como é natural na minha « passadista » sensibilidade. Mas prefiro ouvir isso em gravação. Porque o microfone distorce em berro o que é de sua natureza suave e sagueiro. Quando saímos, os rapazes tinham cá fora uma capa no chão para esportular-nos o que pudéssemos para a farra. A Regina disse-me arranja aí quinhentos paus. Só tinha miúdos e uma nota de mil. Miúdos, só para esmolas no metro. Larguei os mil que lancei dobrados por modéstia e timidez. Tito e Bárbara trouxeram-nos de regresso. Não conhecia o caminho como o não conhecera à ida. Era a nova autoestrada que se construía fora das nossas vistas. Há quantos anos, realmente, a gente não viajava para ali. E chegámos inteiros. E deitámo-nos às quatro. E acordámos à hora do costume. E ainda me não espojei no sofá para uma sesta em que durma o que falta. Vou ver se. “.

COMEMORAÇÕES DO 1º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO MENANO

De 18 a 28 de Novembro de 1995

A nossa Associação participou activamente na preparação deste memorável evento, centrado em Coimbra.

Seguem as descrições do mesmo pelo "anfitrião" Teixeira Santos, que presidiu à Comissão executiva, e pelo nosso "artista" Francisco de Vasconcelos que realça a Serenata Monumental.

I - REALIZAÇÕES

Por iniciativa das diversas Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra, em colaboração com o Museu Académico de Coimbra, foram realizados naquela cidade, durante os dias 18 a 26 de Novembro último, diversos actos evocativos destinados a comemorar esta efeméride.

Assim, no dia 18, pelas 16.00h, teve lugar a Sessão de Abertura no Auditório da Reitoria, com a presença do Prof. Doutor António Pinho Brojo em representação do Magnífico Reitor. Na mesa estavam representantes das diversas locais e o Presidente da Câmara Municipal de Fornos de Algodres, além dos Presidentes das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra ou seus representantes.

Seguiu-se um colóquio sobre António Menano e a Canção Coimbrã. Com bastante público no auditório, foram muitas as pessoas que tiveram oportunidade de apresentar informações e questionar pontos menos esclarecidos sobre a temática do colóquio, salientando-se as intervenções do Coronel José Anjos de Carvalho, de alguns familiares do homenageado, do Srº José Archer de Carvalho, do Prof. Travassos Cortês, do Prof. Doutor Pinho Brojo, do Prof. Doutor José Mesquita, entre outros.

No Museu Académico, pelas 18.30h, foi inaugurada a Exposição Evocativa de António Menano que ocupava uma das alas do claustro do antigo Colégio de S. Gerónimo.

Uma pequena amostra:



Exposição Evocativa do Menano, no Museu Académico de Coimbra.

Durante este acto, foi ainda posto à venda o prato cerâmico comemorativo da efeméride.

Depois do jantar - convívio que teve lugar na Cantina do Auditório da Reitoria, realizou-se a Serenata a cargo de grupos de actuais estudantes, a qual, devido ao mau tempo, foi transferida do Penedo da Saudade, onde estava anunciada, para a escadaria do antigo Colégio de S.

Gerónimo.

No dia seguinte, para além da exposição que estava aberta todo o dia, realizou-se apenas a Eucaristia, na Capela da Universidade, durante a qual o Capelão, Rev. Dr. Leal Pedrosa, dedicou algumas palavras ao significado do canto coimbrão e ao prestígio do cantor homenageado.

Na segunda e na terça-feira, a exposição continuou aberta em regime extraordinário, tendo-se realizado, no segundo destes dias, uma Serenata organizada pela Direcção-Geral da A.A.C. que, marcada inicialmente para a Via Latina, foi transferida, à última hora, para a escadaria da Sé Velha, face ao imprevisto falecimento de um professor universitário.

No dia 22, teve lugar a "Ceia com António Menano" na República dos Kágados, a mais antiga de Coimbra e actualmente localizada na "Casa das Cruzes", nos Palácios Confusos, onde, até altas horas, houve convívio rijo entre repúblicos e antigos estudantes. Contaram-se episódios e não faltaram canções a solo e em coro.

No dia seguinte, na Sede da A.A.C., em colaboração com a Direcção-Geral, houve no Auditório de Francisco Salgado Zenha uma sessão de vídeo sobre António Menano, com comentários pelo Prof. Doutor Henrique Veiga da A.A.E.C. no Porto. Participaram também o Senhor Archer de Carvalho, amigo e contemporâneo de António Menano, e o Dr. Joaquim Teixeira Santos, Presidente da Comissão Directiva do Museu Académico.

Pelas 20 horas desse dia, no antigo e tradicional Restaurante "A Democrática", houve jantar - convívio entre diversas gerações de antigos estudantes de Coimbra, tendo sido recordada a presença de António Menano, ali, onde a antiga tasca que teve o mesmo nome, serviu de local privilegiado para muitos encontros do cantor homenageado.

No dia seguinte, a exposição foi encerrada um pouco mais cedo, para que todos pudessem estar presentes no Sarau de Homenagem a António Menano, que se realizou no Teatro de Paulo Quintela, na Faculdade de Letras.

Na presença de representantes de autoridades, de alguns familiares do homenageado e perante numeroso público, actuaram, neste Sarau: o Orfeon Académico de Coimbra, o Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra e o Grupo de Fados e Guitarradas do Orfeon.

Nesta sessão, os filhos do homenageado, Engº Nuno Menano e D. Maria da Graça Menano, colocaram nos estandartes dos organismos participantes fitas alusivas ao acontecimento.

No dia 25, no Centro Cultural D. Dinis, realizou-se o jantar de solidariedade académica que reuniu muitos antigos a actuais estudantes e que serviu para diversas saudações. Pelas 23 horas, alguns participaram no "Cortejo dos Archotes", organizado pela Direcção Geral da A.A.C.,

que percorreu algumas artérias da Alta e que foi muito prejudicado pelo tempo chuvoso. Um pouco antes da meia-noite teve lugar a Serenata dos Antigos Estudantes, de que a seguir se dará notícia detalhada.

O último dia das comemorações (dia 26) foi dedicado a Fornos de Algodres, terra da naturalidade dos Menanos.

Os primeiros actos ali realizados tiveram lugar na Câmara Municipal, onde, após a recepção, houve uma sessão solene presidida pelo respectivo Presidente da Câmara e em cuja Mesa se fizeram representar as diversas Associações de Antigos Estudantes de Coimbra, o Presidente do Museu Académico de Coimbra e Familiares de António Menano. Depois de algumas comunicações apresentadas pelos presentes sobre a efeméride, foi encerrada a sessão, por volta das 16 horas.

De seguida, fez-se a romagem de saudade ao cemitério local e, junto ao jazigo onde jaz António Menano, em momento de concentração e profunda meditação, prestou-se a homenagem mais significativa que terminou com a entoação pelo Sr. Archer de Carvalho, seu contemporâneo e amigo, do Fado Saudade que tanto significado tinha para António Menano.

No centro da vila, na casa onde nasceu António Menano, foi descerrada uma lápide em granito evocativa deste Centenário.

A Serenata, que estava anunciada para este local, foi transferida para o interior do Quartel dos Bombeiros, localizado na mesma rua do Dr. António Menano, em virtude da copiosa chuva...

Com o termo desta serenata, que esteve a cargo do Grupo de Fados da Associação do Porto, chegou ao fim o programa comemorativo do "1º Centenário do Nascimento de António Menano".

Augusto Teixeira Santos

II - SERENATA MONUMENTAL

Dando sequência ao convite oportunamente feito à nossa Associação para se fazer representar na Serenata Monumental comemorativa do centenário do nascimento de António Menano, deslocaram-se para o efeito a Coimbra, no passado dia 25 de Novembro, os nossos grupos de fados "Porta Férrea" e "Serenata de Coimbra".

Além dos grupos tomaram igualmente parte nesta romagem a Presidente Fátima Lencastre, o Vice-Presidente Alcindo Costa e numeroso grupo de sócios da Associação.

Chovia, em Lisboa, à hora da largada.

Curiosamente, o magnífico autocarro que nos levou tinha pintados nos lados as iniciais correspondentes ao nome da empresa proprietária (Isidoro Duarte): "ID". Ide, poder-se-ia ler! E, mesmo sem procurar saber se aquilo era um convite ou uma ordem, nós lá fomos...

Quando passávamos ao largo de Fátima, todos procuraram avistá-la ao longe, esquecendo momentaneamente que (a) Fátima viajava no meio de todos nós! Enfim... distrações.

E também chovia em Coimbra, à hora da chegada.

No cumprimento (informal) do programa, dirigimo-nos então ao Museu Académico, onde já nos aguardavam dois

outros "directores": o Fernando Paula e o Gustavo Cerdeira.

O Museu era um conjunto harmonioso de vitrinas carregadinhas de recordações: aqui eram as guitarras do Hilário e do Artur Paredes; ali era uma amostra da evolução do traje académico; depois, as partituras de velhos fados de Coimbra, o retrato do António Menano, peças de cerâmica alusivas a passados acontecimentos; e tantas, tantas outras peças figurando um percurso histórico, académico e sentimental que a Academia vem percorrendo ao longo de inúmeras gerações.

No Museu Académico fomos gentis e afectuosamente recebidos pelo seu Director, Teixeira Santos, que, além de nos dar as boas vindas, nos proporcionou, em breves palavras, o conhecimento da realidade actual do Museu, referindo as dificuldades com que luta, a falta de espaço, os numerosos espólios que lhe foram legados e que se encontram ainda encaixotados por não haver, nas actuais instalações, "um lugar ao sol" para expor todas aquelas preciosidades.

Com palavras simples, mas significativas, agradeceu, na oportunidade, a nossa Presidente Fátima Lencastre, após o que o Teixeira Santos retomou a palavra para, em breve alocução, proceder ao encerramento daquela exposição.

Encontrava-se entre os presentes o João Menano, sobrinho do homenageado, que ofertou a alguns de nós fotografias de seus tios António e Francisco, que guardaremos religiosamente.

Aproveitando a ocasião e o local onde nos encontrávamos, o Tito Costa Santos ofereceu ao Museu Académico, entregando ao seu Director, o disco "De Coimbra para a UNICEF", gravado em 1987 pelo Grupo Serenata de Coimbra. Também este Grupo, na mesma ocasião, ofertou ao Museu um exemplar do disco "De Coimbra por Bem", que gravou em 1991 a favor da Cruz Vermelha Portuguesa.

Depois, no interregno até ao jantar, foi o reencontrar de velhos colegas e amigos, mitigando as saudades que sempre ficam entre os companheiros de jornada, que o tempo e a vida levaram por caminhos diversos.

Mais tarde, na cantina do Centro Cultural D. Dinis, foi servido o jantar, simples e saboroso, o qual decorreu entre ruidosas manifestações de alegria e amizade por todos comungadas.

E, entretanto, copiosamente, continuava a chover.

O que, todavia, não impediu que, por volta das 22h30 os actuais Estudantes se preparassem activamente, junto da Porta Férrea, para dar início ao Cortejo dos Archotes, integrado nas comemorações da Tomada da Bastilha.

Foi bom de ver, indiferentes às adversas condições climatéricas, as actuais gerações continuarem a manter bem aceso o archote da tradição.

Pelas 23h30, voltámos ao Museu, em cuja escadaria iria decorrer a Serenata Monumental, que a chuva tornou impossível realizar na Sé Velha.

Já ali se encontravam os Grupos de Fados do Porto, de Braga, e de Coimbra, que ensaiavam afanosamente nos recantos onde era possível fazê-lo.

Abriu a Serenata o "Grupo de Fados da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto", constituída por Assis Santos, António Moniz (guitarras), Campos Costa,

Mário Araújo Ribeiro (violas), Henrique Veiga, Lacerda e Megre, Napoleão Amorim e Archer de Carvalho (cantores). Da sua actuação pensamos ser de destacar a pujança do Napoleão Amorim, cuja voz é ainda de um autêntico Senhor do Fado de Coimbra e a surpresa que foi o Archer de Carvalho, a quem os anos não pesam.

Seguiu-se o "Grupo de Fados e Guitarras de Coimbra", vindo de Braga, constituído por João Moura, Domingos Mateus, Luís Cerqueira (guitarras), José Santos (viola), e Jaime Leite (cantor), que nos brindou com a qualidade a que sempre nos habituou.

Actuaram a seguir os nossos dois Grupos: o "Porta Férrea - Grupo de Fados de Antigos Estudantes de Coimbra", constituído por Carlos Couceiro, Teotónio Xavier (guitarras), João Alpoim, Durval Moreirinhas (violas), Artur Mota, António José Rocha e Arménio Marques dos Santos (cantores); e o "Grupo Serenata de Coimbra", constituído por Francisco de Vasconcelos, Serrano Baptista (guitarras), João Gomes, Manuel Pera (violas), Barros Ferreira, Tito Costa Santos, Alcindo Costa e José Henrique Dias (cantores).

Actuaram com a dignidade e o nível que os caracteriza e que bem conhecemos, mas julgamos ser de destacar, no primeiro, a notável actuação do Arménio e, no segundo, o facto de terem interpretado, exclusivamente, temas inéditos e da autoria de elementos do Grupo.

Foi, entretanto, a vez da "Tertúlia do Fado de Coimbra", constituída por Álvaro Aroso, José Paulo (guitarras), José Carlos Teixeira, Eduardo Aroso (violas), Joaquim Matos, José Paulo, Victor Nunes, José Miguel Baptista e Nuno de Carvalho (cantores), com uma intervenção homogénea e de bom nível artístico, sendo de salientar a interpretação do Vira de Coimbra, mais uma vez cantado a duas vozes.

A fechar, o "Grupo de Guitarras e de Cantares de Coimbra", constituído por António Pinho de Brojo, Carlos de Jesus (guitarras), Luís Filipe, Humberto Matias, Aurélio dos Reis (violas), Heitor Lopes, José Mesquita e Augusto Camacho (cantores), que nos deliciou, como sempre, com uma actuação de alto nível artístico.

Julgamos ser de salientar, no entanto, o facto de se apresentar com elementos de gerações bem diversas que vão desde os jovens (e talentosos!) Carlos de Jesus e Heitor Lopes até aos consagrados e menos jovens Pinho de Brojo e Aurélio dos Reis.

Abrimos aqui um parêntesis para deixar no ar uma pergunta: para quando uma homenagem ao Brojo? Sabem que muitos dos actuais guitarristas de Coimbra passaram pelas suas mãos? E quanto lhe deve a "música de Coimbra" em termos de difusão pelos quatro cantos do mundo, sempre com o mais alto nível artístico? Fica a sugestão extensiva ao Aurélio dos Reis, seu companheiro de sempre.

E, apesar da Serenata ter durado cerca de duas horas, foi uma noite que ficou a saber a pouco.

Eram cerca das duas e meia da madrugada quando regressámos ao autocarro.

Coimbra voltara a ser, por breves horas, a nossa terra comum. E, na hora de mais esta partida, apetece parafrasear o António Menano:

**"Adeus terra onde nasci
E onde vivi tão feliz
Adeus olhos azuis que dizeis
Coisas que a boca não diz..."**

Francisco de Vasconcelos

III - BIOGRAFIA DE ANTÓNIO MENANO (Fornos de Algodres 05-05 1895) Lisboa 11-09-1969

"Nascido nas fraldas da Serra da Estrela de uma família de 12 irmãos, António Menano foi sem sombra de dúvida o mais conhecido e popular cantor de fados de Coimbra. Tal como Hylário, o fabuloso cantor boémio seu antecessor, também António Menano cedo se tornou ídolo da Academia, enriquecendo o espírito estudantil de Coimbra e a lenda coimbrã de uma certa boémia própria da juventude, de fados e serenatas, misto de arte e romantismo, de sonhos e ilusões. António Menano está tão intimamente ligado ao fado de Coimbra e este a ele que verdadeiramente não se pode dissociar um do outro: falar de António Menano é falar do fado de Coimbra e da chamada década de ouro.

Matriculado na Universidade, António Menano vê despontar a sua estrela em Março de 1915, quando canta um fado em Aveiro, num sarau organizado pela Associação Académica de Coimbra, com a participação da Tuna e do Orfeon. É nesse ano lectivo de 1914-1915 que se procede à reorganização do Orfeon Académico, agora sob a regência do saudoso Dr. Elias de Aguiar e onde António Menano se torna solista e ensaiador do naipe dos 1^{os} tenores, passando também a cantor "titular" de fados e canções nos saraus e outros espectáculos e actividades que se realizavam.

Concluído o curso de Medicina, António Menano passa a exercer clínica em Fornos de Algodres, terra natal da família Menano e onde seus pais residiam. Embora já formado, continua muito ligado à vida artística e académica de Coimbra, onde certas tradições estudantis se revitalizam. Em Outubro de 1956, em Lisboa, no Instituto Superior de Agronomia, na Tapada da Ajuda, o célebre recital que deu, já sexagenário, constituiu um êxito retumbante. O espectáculo estava marcado para a meia-noite, começou às duas horas da manhã e só viria a terminar de madrugada sem que ninguém tivesse arredado pé. Do Diário de Notícias de 23-10-1956 respigámos o seguinte. "Até madrugada alta, com um céu em que a lua e as estrelas paradas pareciam acercar-se da terra, no sortilégio das canções de Menano ressurgiu Coimbra de há quatro décadas." Conclui dizendo: "Sem luz eléctrica nem microfones a voz de Menano, casada com a das violas e das guitarras, brindou Lisboa com uma noite inesquecível, única. Espectáculo imprevisto e verdadeiramente sensacional..."

Dos seus fados salientamos: "Fado da Mágua", "O Meu Menino", "Fado d'Anto" e "Fado dos Passarinhos".

(Extractos da Biografia da autoria do Coronel Anjos de Carvalho)

DOS NOSSOS POETAS E ESCRITORES

INFÂNCIA E JUVENTUDE NA POESIA DE FERNANDO CARDOSO

por João de Deus Quintela

No dia 2 de Abril celebrou-se, com a solenidade própria dos meios culturais e educativos, o DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL, que coincidiu com o do nascimento, em 1805, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, o qual se notabilizou, sobretudo pelos **Contos** (que escreveu entre 1835 e 1872), traduzidos em todas as línguas.

Christian Andersen faleceu quando contava 70 anos e não foram fáceis os dias da sua infância, principalmente após a morte da mãe e do casamento, em segundas núpcias, do pai. As dificuldades que encontrou conseguiu superá-las com alguns sacrifícios, mas manteve sempre vivas as fontes da ingenuidade e simplicidade da infância, que aplicou a tudo numa ânsia de permanente evasão e sonhada felicidade.

As suas autobiografias, onde se traduz intensa afeição romântica pelo maravilhoso e por um mundo pueril encantamento, fizeram dele o mais significativo exemplo do génio popular nórdico.

Em 1866 escreveu o livro *Visita a Portugal*, livro que nunca encontrámos nos escaparates das livrarias portuguesas.

Mas encontrámos, com grande satisfação, e em sucessivas edições, as obras do seu congénere português - o Dr. Fernando Cardoso.

Também Fernando Cardoso subiu a vida a pulso, conseguindo formar-se em Direito em 1960 e é hoje, além de distinto advogado, um "poeta transparente que vai no sonho humanista e nos oferece poesia sã e comunicativa",

como diz João Liberal, um dos muitos críticos admiradores da vasta obra de Fernando Cardoso, especialmente dedicada à infância e juventude.

Os seus livros esgotam-se rapidamente, em edições sucessivas, como "**Flores para Crianças**", já na 30ª edição; "**Novas Flores para Crianças**", na 25ª e "**Universos da Criança**", "**David no Planeta dos Dinossauros**", "**Branca de Neve e Negra de Carvão**" e "**O Ciclo da Vida em Versos Amigos e Postais Antigos**", última obra que, no dizer do professor Reis Brasil, "é destinada a todas as idades e tem lugar garantido nas almas e corações das gerações futuras".

O prestígio de Fernando Cardoso ultrapassou as fronteiras de Portugal e a Academia Internacional de "Pontzen" distinguiu-o com a "Palma de Ouro".

Fernando Cardoso é membro do Conselho Fiscal da nossa Associação.

Ao lermos os seus livros sentimos renascer a criança inocente e terna que há ainda em cada um de nós...

O CICLO DA VIDA EM VERSOS AMIGOS E POSTAIS ANTIGOS



DA PRIMEIRA FOLHA DA SEBENTA

por José Henrique Dias

Aqui venho com umas nótulas desprezíveis sobre Coimbra. Coisas que toda a gente leu, por serem da primeira folha da Sebenta. Começarei exactamente por **sebenta**, instituição a que todos mais ou menos prestámos vassalagem, vírgulas incluídas. Ao que parece, foi buscar nome a **sebo**: "*um ou mais estudantes tomavam apontamentos sobre a prelecção que o lente fazia (...) toda a moxinifada era litografada. Como o lubrificante era o sebo, aquele folheto todo untado de sebo passou a chamar-se sebenta (...)*" naquele dia o sebo tinha-se esparramado e uma página inteira da sebenta não tinha letras (A. de Vasconcelos, *Memórias do Mata-Carochas*, p.p. 210-12).

Consagrada em Camilo, num célebre opúsculo de 1883, "*Notas à Sebenta do Dr. Avelino César Calisto*", a que se seguiu violenta polémica com o dito lente, à conta do Marquês de Pombal, envolveu ainda o então estudante José Maria Rodrigues. A Sebenta, a que não faltam referências em *In illo tempore*, de Trindade Coelho, e em tantas outras

memórias coimbrãs, atravessou gerações de cara mais ou menos lavada, porém redutora no saber.

Na coroa da sua árvore genealógica, as célebres *postilas* ou *apostilas*. Terão sido introduzidas por Frei Francisco de Cristo, agostiniano que se doutorou em Coimbra em 1652 e foi lente de Teologia. Delas temos registo em *A Vida do Arcebispo*, de Fr. Luiz de Sousa. Porém, o sistema viria dos primórdios da Universidade, não só devido à falta de livros como ao seu alto preço, o que levava os mestres a ditar postilas e os ursos diligentes a recolhê-las. Mais tarde, com a dactilografia e a litografia, aparece em letra de forma, com distribuição diária das folhinhas, ainda com cheiro a tinta, pela mão generosa da Maria Marrafa.

No que toca a celebridade, nada como o **Centenário da Sebenta**. Ocorreu por finais do século passado, como resposta às comemorações centenárias da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, de Camões, de Santo António, do Infante D. Henrique, de Garrett e de *tutti quanti*

justificavam efeméride. Tais comemorações não primaram pela dignidade. Choveram críticas nos jornais e, claro, não escaparam à irreverência estudantil. Um grupo de estudantes, que no Porto assistira às Comemorações do Centenário de Almeida Garrett, logo se lembrou de caricaturar a febre dos Centenários e a pifizeira das celebrações. Desse grupo faziam parte Veridiano Gonçalves, Alexandre de Albuquerque, D. Vicente da Câmara, João Eloy e Alberto Costa, o célebre "Pad-Zé". Escolheram para comemoração a Sebenta, essa velha instituição coimbrã. Era reitor o tal Calisto, que apadrinhou a ideia, com a condição de se não aludir aos lentes, o que se cumpriu. Mas no cortejo não deixou de figurar um carro com um enorme óculo sem lentes, encimado pelo dístico: **Sem lentes por causa das alusões.**

Decorreram os festejos de 28 a 30 de Abril de 1899, com grande entusiasmo académico e participação do povo de Coimbra. O cortejo, rezam os anais, foi visto por gentes de todas as partes do país, que riu a bom rir com os carros e piadas dos estudantes. Afonso Lopes Vieira escreveu um

Auto da Sebenta, representado no Sarau, depois editado e que é raridade bibliográfica.

Houve ainda uma luzida revista naval à esquadra ancorada no Mondego, comandada pelo célebre "almirante" Rato. O *Hino do Centenário*, de autoria de Luis Albuquerque Stockler, rezava a dado passo: "Chega o dia extraordinário, /ó gentes de Portugal, /em que passa o centenário/de uma coisa colossal!! Vamos pintar o demónio,/ fazer um chinfrim danado!/D. Henrique e Santo António/ vão ficar de cara ao lado...!".

Circularam inúmeros desenhos, caricaturas, selos, "bentinhos", destacando-se o de *St.ª Sebenta*, velha tricrana, lenço na cabeça aureolada, a cujas saias se agarra um estudante ajoelhado. Fora do retábulo, recolhido em oração, um outro reza duas quadras em latim macarrónico que glorificam Maria Marrafa.

Por aqui me fico, para não exceder o A4 que me impuseram. Voltarei, se estiverem para me aturar, com outras ninharias **da primeira folha da Sebenta.**

DE ANGRA A COIMBRA

por Vasco Pereira da Costa

Vivi, até aos dezoito anos, na ilha Terceira. Era, então, um estudante-trabalhador, se bem que, nesses tempos, não houvesse ainda essa figura jurídico-social. Meu pai tinha uma pastelaria e minha mãe era uma doceira das mais prestigiadas de Angra do Heroísmo. Repartia o tempo entre os *livros-únicos* e o carregamento de caixotes de mercadoria; segurava um romance na Biblioteca Pública e pegava num pano húmido para limpar as mesas dos pingos dos cafés; caminhava pela Ladeira de São Francisco para as aulas e enchia os braços de embrulhos que transportava até aos saguões nobilitados.

Há um quarto de século, encaminhei-me para o Cais da Alfândega, apoiando ao braço virgiliano de meu pai, assentei na *Fénix* - ave-nave das partidas míticas dos angrenses - atravessasse a baía, trepei o portaló do **Carvalho Araújo**, afaguei num adeus as bossas do Monte Brasil - dromedário impenitente na sua travessia vulcânica pelos agitados atlânticos - e rumei a Coimbra, cidade mítica, madrastra amorenta de poetas, amante libertária de todas as ousadias verbais.

Em Coimbra permaneci, porém, indeciso entre ser doutor ou futrica: reconheço, hoje, que aprendi mais da universalidade da vida na almedina secular do que na cidadela escolástica.

À falta da tenência das terras prestimosas e sem legado de acções em sociedades lucrativas, sem, ao menos, uma vaquinha *holstein* para exportação nem uma albacora lucrosa para a conversa, herdei somente a lembrança de histórias legadas pelos meus avoengos: sementeiras por silenciosos lavradores picarotos de gestos calmos, arpoadas por baleeiros corsários e brejeiros, fugidas em baús de emigrados de aventura. Nas linhas da configuração ideológica, a genealogia assinala-me peugadas de bravos liberais nas areias do Mindelo, traços de recato republicano e burguês, calosidades de enxada no carolo dos basaltos, travos de sal nos apetites viageiros, riscos de veleidades maçónicas.

Ponho em linhas encarreiradas estes causos, mas também reinvento histórias de Coimbra, a cidade que me acolheu e que me moldou: é a *pólis* da minha cidadania. É aqui que confundo a terra e o mar numa sintaxe copulativa e num

esboço da rondura do planeta. Sou português.

Enquanto estudante universitário, vivi os anos sessenta. Fora da Porta Férrea, por mor de várias interpretações do mundo, de vivências variadas e de saberes diversificados, Coimbra ganhava um espaço de assimilação e de transmissão da universalidade que não podia caber na Universidade. Era das amizades que se geravam, dos choques das ideias, da confrontação de gostos, das alteações, da magnanimidade fraterna dos gestos simples - que ia alcançando uma formação de uma outra formatura.

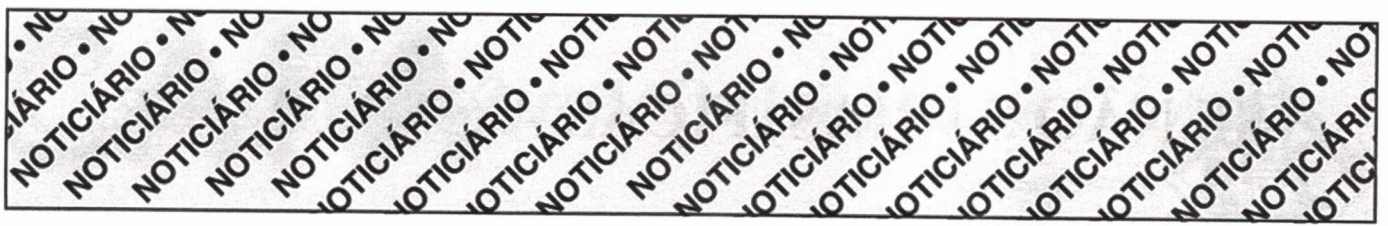
O Arco de Almedina abria-se para um mundo de saber mais remexido, mais inquieto, mais ousado. Aprendi todos os ismos e discuti-os até que o sol viesse despertar os plátanos da Sá da Bandeira. Fui *filho da madrugada* em coro com o Zeca Afonso. Com a Joan Baez proclamei que *we shall overcome same day*. Com os Beatles sussurrei quanto era bom *when Y hold your hand*. Com o Adriano icci a *capa negra, rosa negra, bandeira da Liberdade*. Sentei-me para uma sueca na **República** e acabei por jogar Bergman no trunfo mágico das palavras. Conheci flores pacíficas a engrinaldarem cabeças nos rumos californianos de San Francisco. Vi a Paz figurada em três-rabiscos-pés-de-galinha e no nariz de Bertrand Russel. Olhei guevaras efémeros, de boina precária e pensamento ao lado. Conversei com marcuses em *part-time*, com fiéis de ideologias sacrossantas e devotas, com iconoclastas impiedosos.

Era um tempo de velocidades siderais e soberbamente humanas: Armstrong pisava a Lua; o *mai soixante-huit* agitava os boulevards; Woodstock enramava-se de sons encantatórios.

A Academia lançava aos céus de Coimbra balões infantis em desafio ao fascismo arrogante.

Era difícil fazer um voo de ave distaída por sobre os Gerais e continuar a bater asas em direcção ao reino fantasista das bem-aventuranças e do não-te-rais. Era imperioso pousar os pés na praça pública, ser cidadão da *pólis*, reconhecer a vastidão do planeta a habitar.

De outro modo, **sem razão seria a vida. Sem razão.**



Antigos Orfeonistas e dos Antigos Tunos com a Ordem de Mérito.

A nossa Associação prestou a colaboração pedida pelas Direcções respectivas e, em resultado, passou a capitalizar um

Agradecimento Presidencial

Nada mais grato que tornar públicas as palavras que o recém-homenageado Doutor Mário Soares dirigiu, à Presidente da Direcção da nossa Associação, Fátima Lencastre, **“de agradecimento pelo seu trabalho e empenhamento no êxito desta cerimónia”**.

E nada mais justo que devolver tais palavras, com todo o significado que encerram, aos nossos sócios que, respondendo ao apelo feito em circular própria, acorreram em força, enchendo mais de metade da capacidade da sala.

Assim o reconheceu o sempre Amigo (e atento...) Colega Almeida Santos, ao juntar àquelas palavras o clamor de um **“Milagre de Fátima pela casa a abarrotar”**!

Milagre sim - não de “Santa” ou “Santos” - mas do espírito de solidariedade académica que une todos, o antigo e o actual estudante de Coimbra, quando toca a rebate, venha este de onde vier!!!

Toque que encheu todos os corações, desde o do Hino Nacional **“à média luz”** - numa involuntária irreverência que nos foi de pronto “relevada” por Sua Excelência, com a sua habitual bonomia, e certamente remetida para as suas memórias como facto inédito - até às magistrais interpretações dos sempre jovens Antigos Orfeonistas e Antigos Tunos.

* *

*

VI - JANTAR DA CASA DAS BEIRAS

Registamos com o maior agrado o convite (logo aceite, claro) da nossa anfitriã Casa das Beiras para o convívio da Casa do Fundão, realizado no dia 9 de Março no Hotel Roma, com iguarias da Região e actuação de artistas também locais.

Vão-se fortificando as relações de vizinhança e de solidariedade (não pertence Coimbra às Beiras, berço da maior parte de nós?).

* *

*

VII - COMEMORAÇÃO DO IVº ANIVERSARIO DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Em todos os participantes “115” deixou vincada recordação o convívio realizado no dia 23 de Março, na Cooperativa

Militar (por nossa conta...) para festejarmos os 4 anos de vivência da nossa Associação, saída, como é sabido, de uma Delegação da Associação de Coimbra desde 1965.

Para tal contribuíram, numa feliz harmonia entre o esperado e o inesperado, o succulento almoço “quente e frio”; o monumental bolo alusivo; a Evocação de **“João de Deus em Coimbra”** (na presença da sua neta, D. Maria da Luz de Deus Ramos) pelo nosso Brigadeiro Quintela, aplaudida com muito apreço; a Serenata/Monumento pelos nossos 3 Grupos de Fados: **“Torre d'Anto”**, **“Serenata de Coimbra”** e **“Porta Férrea”**, que pela primeira vez actuaram em conjunto; e, no final - surpresa das surpresas! - o irromper da buliçosa Estudantina Universitária de Coimbra, com 21 elementos plenos de jovialidade, que entoou lindas canções do seu repertório e nos brindou com um carinhoso **“Parabéns a Você”**!

A apoteose foi retumbante com a promessa de novos convívios entre os jovens e os menos jovens.

Estas fotografias ilustram bem o clima de euforia:



A nossa Presidente parte o Bolo de Aniversário, sob o olhar complacente do “Chefe” do buffet...



A entrada/surpresa da Estudantina

Que deste dia e destas imagens se retire o firme propósito de celebrarmos em uníssonos muitos e bem sucedidos aniversários da nossa Associação!!!

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE...

- está para breve a nossa Associação ser considerada Instituição de Utilidade Pública;
- estão bem encaminhadas as *démarches* efectuadas para arranjarmos terreno para uma Sede e construção, ao lado, de uma Casa de Repouso;
- a Associação está desde a última Assembleia Geral (28 de Fevereiro) enriquecida com um **Conselho de Veteranos**, constituído pelos ex-Presidentes e ex-Vice-Presidentes das Direcções da Associação e da extinta Delegação que não fazem parte dos actuais Corpos Sociais, e cuja tarefa "árdua" é aconselhar actual Direcção. Neste momento, os ilustres **Conselheiros** são: Daniel Proença de Carvalho, Maria Manuela Alves da Costa, Ângelo Araújo, Armando Rocha e João de Deus Quintela;
- vão iniciar-se neste mês a primeira Tertúlia Académica e o primeiro Chá das Briosas, no salão e no bar da nossa Sede;
- o número de sócios está a crescer a bom ritmo, mas tem de duplicar em breve;
- a Associação continua a estudar um grande passeio, fora de portas, para Julho/Agosto. (reforçamos o pedido já feito para que nos enviem sugestões - o tempo urge);
- a homenagem ao grande poeta João de Deus encerra-se a 18 de Maio com uma visita ao Panteão e uma missa na Basílica da Estrela, onde se fará ouvir um Coral Infantil;
- no almoço do IVº aniversário da nossa Associação, foi vivamente aplaudido, pela sua brilhante prelecção sobre João de Deus Ramos - POETA - , o nosso João de Deus Quintela - BRIGADEIRO;
- foi de braços abertos que recebemos um computador (usado mas em bom estado), oferecido pela jovem Engenheira Lourdes (filha do nosso Vice-Presidente Fernando Paula);
- O Senhor Campos, que há pouco atingiu os 69, continua com uma cabeça que rivaliza com "AQUELA MÁQUINA"... vê se pões as quotas em dia...;
- em cada jantar mensal, os aniversariantes desse mês que estiverem presentes vão "lamber-se" com um delicioso Bolo de Aniversário, que a Direcção oferece;
- no jantar do Hotel Penta em 1 de Março, dos 110 participantes 28 eram jovens sócios, dos quais 14 fizeram, naquele momento, a sua inscrição. Esta malta entrou de rompante pela sala dentro e, num gesto de simpatia muito de louvar, distribuiu-se pelas mesas dos Colegas menos jovens. No final da jantada, quiseram brindar-nos com uma actuação "**tipo estudantina**" que foi muito aplaudida, acabando por pôr toda a gente a dançar com uma alegria e entusiasmo de fazer inveja.
Pelo que vimos, trata já de aviar a receita:

PARA REMOÇARES
VEM AOS NOSSOS JANTARES.

• *E... se hoje te cansaste de tanto ler, amanhã gostarás de recordar!*

Para advogados

Escritório de advocacia pluridisciplinar, em instalações de bom gosto, com 12 salas e terraço-esplanada panorâmico (último andar do Edifício América, junto ao Novo Palácio da Bolsa), disponibiliza gabinete mobilado com apropriado serviço interno e externo. Especialmente bem-vindo jurista da área do Direito Fiscal, Comunitário ou dos PALOP's.

**Contacto com Dr. Miguel Faria de Bastos
(Tel: (01) 793 39 18 / Fax: 793 39 24).**

Será desta vez que os nossos Colegas contribuem para a divulgação do Capa e Batina, enviando os selos do porte?!

Para já, **publicos agradecimentos** aos generosos Colegas que já os mandaram!!!